

NUM artigo publicado nestas mesmas colunas afirmei, com o pesar que me trazem sempre as convicções pessimistas, que o cinema era uma arte eternamente acorrentada à indústria que criou e de que já mais poderia resgatar-se totalmente. M. Azevedo, animado por uma grande confiança ou, talvez, uma grande ilusão, insurge-se contra essa afirmativa. Mas é apenas sobre um engano que se apoia para me contradizer, aliás com bem frágeis argumentos. E a solução a que chega: «faça-se subir o nível da cultura do povo», é mesmo velha de muitos anos sem que nunca tenha sido possível dar-lhe realização prática.

Já em 1931, em França, onde há ciné-clubes, salas especializadas que só exibem filmes de incontestável valor, antigos e modernos, onde houve revistas como «Ciné-Ciné» e «Du Cinéma», em que o cinema era tratado, discutido e defendido a sério, Georges Altman, desalentado, escrevia: Un film n'existe que sur l'écran. Or, entre le cerveau qui conçoit, et l'écran qui reflète il y a toute l'organisation industrielle et ses besoins d'argent. Il semble donc vain de prévoir l'existence d'un cinéma pur tant que les conditions matérielles du cinéma ne seront pas modifiées ou tant que l'esprit du public n'aura pas évolué» (1).

Ora as condições materiais do cinema não se podem modificar, antes se agravaram ainda mais com o advento do sonoro; e quanto à evolução do espírito do público... temos conversado.

Vamos, primeiro, ver este caso para, por ele, depois chegarmos ao outro. Há muitos anos que o cinema me apaixona e já não é de ontem que, modestamente e conforme posso, ao lado de outros que, por toda a parte, muito melhor e mais largamente o têm feito, venho combatendo pela tão desejada evolução do espírito do público, pugnando sem tréguas pela salvação e pela defesa do cinema que tanto gostaria de ver libertado das algemas que o ligam à mediocridade e ao mercantilismo.

Falo, portanto, com a experiência de muitos anos de observação e de combate por um cinema melhor e por essa subida do nível de cultura do público que M. Azevedo requiere. Ora as lições que colhi foram as dos desenganos, sucedendo-se em breve ao entusiasmo confiante dos primeiros dias. Foram as pateadas em forma (notem que estou agora falando do público português tão avêso a manifestações) aos filmes «Sinfonia duma capital», «Assim é a Vida», «Romanza Sentimental». Depois foi o sucesso estrondoso de sensaborias imbecis, quer no género pseudo-histórico de «Cleopatra», quer no género grotesco de «Tarzan», ao mesmo tempo que se verificavam as mais desanimadoras «vazantes» com filmes como «Os Irmãos Karamazoff», «Os Meus Meninos», «14 de Julho», «O Milhão» e mesmo «A Vida Privada de Henrique VIII». Como quere M. Azevedo que o público deixe vazios os cinemas que exibem maus filmes? Se é justamente esses maus filmes que a maioria do público preferer!... (2)

(1) «Ça, c'est du Cinéma», pag. 33.

(2) Estou-me referindo ao que se passa em Portugal, mas lá fora é relativamente a mesma coisa, infelizmente.

Deveria dizer-me antes: se os cinemas levassem de preferência os melhores filmes, o espírito do público educar-se-ia gradualmente em contacto com esses mesmos filmes. E isto é que seria certo. Mas aqui entram em jogo os interesses da indústria e do comércio, pelo próprio cinema criados e de que o cinema vive.

Quando as salas de cinema levam os melhores filmes (salvo raras excepções confirmando a regra), fazem as mais baixas receitas. Não se viu, há dias, o fracasso comercial de «Rembrandt»? Se só levassem os melhores filmes acabariam inevitavelmente por fechar as portas. E se os cinemas fechassem as portas como se havia de continuar a fazer filmes?

A salvação do cinema estaria nas mãos do público, sim, se ele quisesse dar-lha. Mas já alguma vez ele esteve disposto a isso?

Veja que é mais fácil dizer as coisas do que levá-las a efeito. Portanto, como o cinema tem de viver do público que paga, tem forçosamente de estar eternamente acorrentado às exigências das maiorias. Isto é como aquela história do cão (que ferra no gato, que papa o rato, que roe o sebo, que unta a corda, que arranca o bote, etc...). O público paga ao exibidor, que paga ao distribuidor, que paga ao produtor, que paga ao realizador, ao autor, ao artista, ao técnico, etc....

Quanto à comparação da indústria cinematográfica com a indústria de livreiro, havendo entre ambas uma distância tão grande, eu não percebo como se pôde conceber. É preciso, mesmo, não se fazer uma ideia da engrenagem formidável requerida para a realização dum filme, para que tal comparação possa ser apontada. Para escrever um livro basta talento, uma resma de papel e uma caneta emprestada. Se o editor não lhe pega, nem por isso a obra deixa de estar criada e em qualquer tempo pôde ser dada a público, mesmo ao risco e à custa do seu autor. Para fazer um filme, o material de que o «criador de imagens» tem de servir é bem mais complicado e oneroso, o que não lhe permite a independência. São precisos caríssimos maquinismos, película, energia eléctrica, artistas técnicos, músicos, artífices e mil e uma coisas mais que acarretam conseqüentemente o dispendio e o empate de enormes somas de dinheiro. Para publicar um livro bastam algumas centenas de escudos. Mas para fazer um filme, de tamanho usual, não chegam muitas vezes muitos centenares de contos...

P. S.—Ouça esta, M. Azevedo, que vieram agora mesmo contar-me: Uma muito aplaudida e apreciada artista do nosso teatro, que actualmente (8 de Março) trabalha no «Sá da Bandeira» e cujo nome nunca aparece nos jornais sem ser precedido do adjectivo illustre, assistindo à exhibição de «Tempos Modernos» teve esta frase a meio do filme:—«Vou-me embora, não cometi nenhum crime para ser condenada a ver até ao fim esta porcaria».

E dizem que essa artista é uma pessoa inteligente e com uma certa cultura...

E' com público assim que se há-de salvar o Cinema?

C.